

## O "PANTEON"

Folheio o Panteon, publicado pelo Estabelecimento Gráfico A. C. Mendes e contendo oito sonetos do nosso Antônio Sales.

Andava eu à cata deste folheto quando a gentileza do acadêmico Sâncio de Azevedo, ofertando-me o opúsculo que me faltava, fez-me conhecedor desses versos dedicados à vitória dos aliados pelo término do primeiro conflito mundial, selado com o armistício de 11 de novembro de 1918.

O Clube dos Diários, desejando comemorar condignamente tal evento abriu seus luxuosos salões na noite de 4 de janeiro de 1919 acolhendo a colônia cearense e todos os filhos das nações amigas aqui residentes, ocasião em que distribuiu aos presentes o Panteon, homenagem do nosso poeta aos vencedores da nobre causa.

São oito sonetos, seis em versos alexandrinos, os dedicados ao Cardeal Mercier, à França, à Inglaterra, a Wilson, à Itália e ao Brasil, e dois em versos decassílabos, os oferecidos à Bélgica e a Portugal.

Registremos nesta oportunidade Ao Cardeal Mercier, já em francês, transcrito neste livro em outro local:

*"Alto doutor da Igreja, e apóstolo da ciência,  
ó sublime varão, em cuja alma se alia  
a viva luz da crença à da sabedoria,  
como mereces bem teu título, Eminência!*

*A bondade, a bravura, a fé, a inteligência,  
formam teu nobre ser, tão grande, que dir-se-ia  
ter-se nele encarnado o que mais belo havia,  
o que havia mais puro em nossa humana essência.*

*De santo, sábio e herói tens nimbo, láurea e estema,  
e a tua fronte altiva, ereta sob a injúria  
dos vândalos, esparge imorredouros brilhos.*

*E se não tem teu manto essa brancura extrema  
de que é feita a tua alma, e ostenta a cor purpúrea,  
foi de tanto enxugar o sangue de teus filhos”.*

Rui Barbosa não compreendia o isolacionismo dos Estados Unidos frente à primeira guerra mundial, a mudez e a posição dos braços cruzados de Wilson.

Os artigos do tribuno baiano A América não se pode isolar, Neutralidade, Papel e Lei de Caim calaram fundo na opinião pública. A 14 de abril de 1917 Rui era gloriado na Avenida Central pois considerava uma vergonha nacional a nossa teimosia em continuarmos indiferentes e neutros.

Começaram os torpedeamentos aos nossos navios; primeiro, o Paraná, e a seguir, o Tijuca, depois o Macau. E a 25 de outubro desse mesmo ano o Brasil declarava guerra à Alemanha.

Daí o soneto de Antônio Sales que vale citarmos neste momento:

#### *Ao Brasil*

*“Ó minha Pátria, tu fizeste um nobre gesto  
repelindo o teutão, que te afrontava, e dando  
mão de amigo aos heróis que estavam libertando  
o mundo de um poder tirânico e funesto.*

*Por ti falou bem alto o verbo pulcro e honesto  
de Rui – águia de luz, que, os ares dominando,  
projetou seu clarão nesse arsenal infando,  
onde as armas forjava o germânico Efestos.*

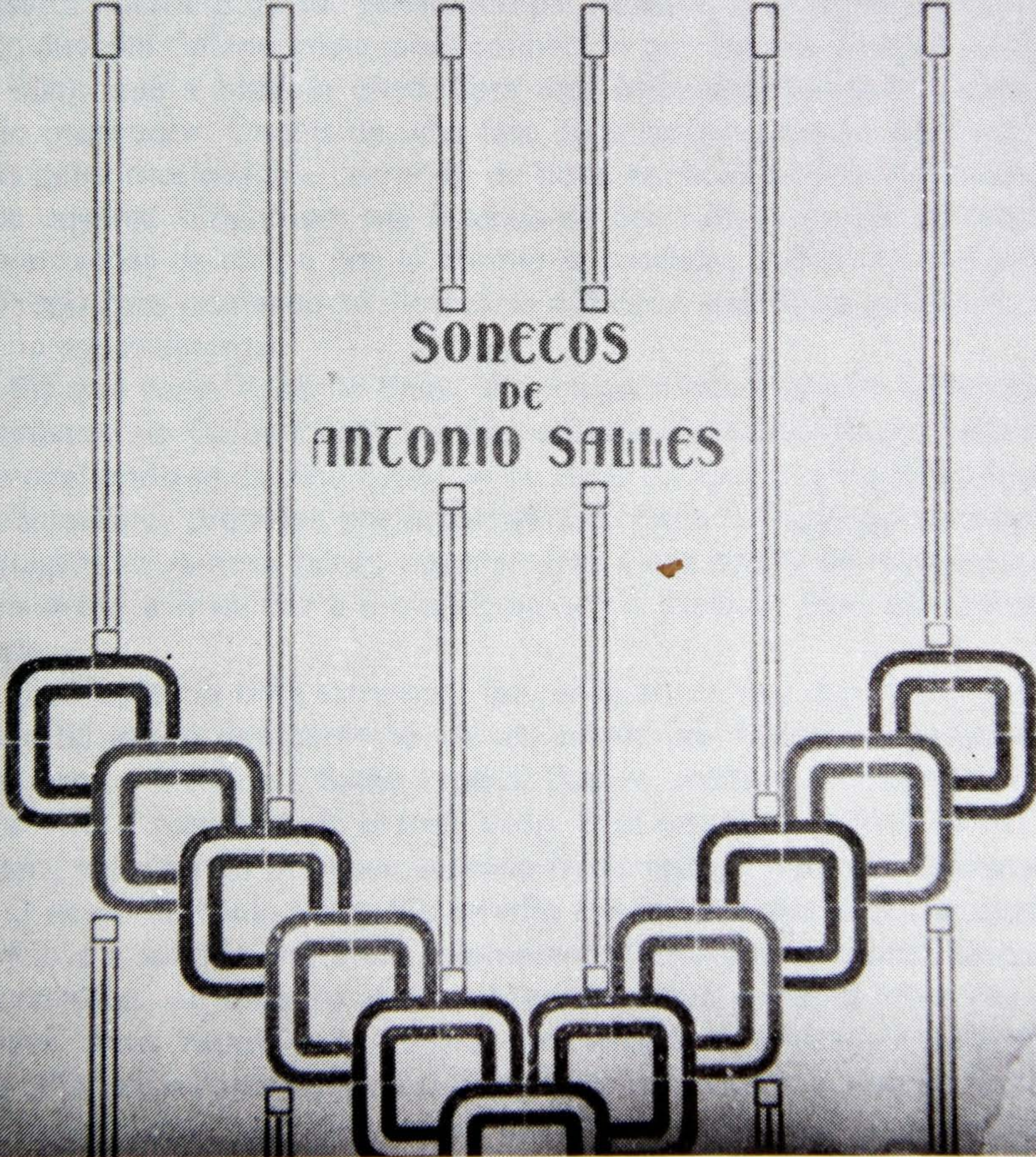
*Essa voz entre a voz dos canhões foi ouvida,  
e a verdade rolou como pedra incontida  
calcando da mentira a venenosa seara.*

*Dos teus nautas o mar bebeu o sangue ardente  
e o auriverde pendão palpitou bravamente  
no pulso varonil do heróico Potiguara!”*

A tudo Antônio Sales estava atento. Nem se esquecera de evocar a figura festejada de Potiguara. Esse nosso Potiguara, o General Tertuliano de Albuquerque Potiguara, símbolo do soldado valente que, de volta dos campos de batalha da guerra européia, *“gloriosamente mutilado”*, lá ouvira do próprio Joffre os mais entusiásticos elogios que o generalíssimo dos Aliados jamais dissera a um combatente alienígena!



SONETOS  
DE  
ANTONIO SALLES



*Capa do opúsculo de Antônio Sales, PANTHEON, lançado aqui em Fortaleza em 1919.*